**JORNALISMO DE DADOS EM TEMPOS DE PANDEMIA POR COVID-19.**

**ESTUDO DE CASO DOS PORTAIS NEXO, ESTADÃO E BBC. TECNOLOGIA, CONVERGÊNCIA E INTERCONEXÃO¹.**

Letícia Arantes Jury**²**

Goiamérico Felício Carneiro dos SANTOS*³*

**Resumo**

O presente estudo se propõe a analisar o papel central do Jornalismo de Dados no Brasil, durante a pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus, com a criação de painéis, reportagens, entrevistas, newsletters nos portais Nexo, Estadão e BBC. A adoção dessa prática jornalística, se deve entre outros fatores, a tecnologia, a convergência e a interconecção do mundo nas rotinas produtivas das redações. Neste sentido, observa-se a coleta, análise e interpretação de dados como a própria razão da reportagem jornalística em tempos de pandemia por COVID-19.

**Palavras-chave:** Jornalismo de Dados. Jornalismo Especializado. Infográficos. Pandemia. Tecnologia.

**Introdução**

Basta cadastrar o e-mail no Portal Nexo e diariamente receber a Newsletter ‘Nexo – Boletim Coronavírus’. No corpo do e-mail, encaminhado aos cadastrados, a mensagem que informa que desde o dia 12 de março, o jornal desligou seu paywall para todos os seus conteúdos sobre a pandemia, reafirmando seu compromisso com o acesso a informações claras, fundamentadas e de interesse público. A Newsletter traz a evolução dos casos no mundo, por meio de infográficos; novos casos por dia; mortes; e os links das principais manchetes.

O Estadão criou uma seção específica para o Coronavírus no painel ‘Tudo Sobre’, em que apresenta o mapa do mundo, onde o internauta pode acessar dados de qualquer país. Intitulado Mapas e gráficos mostram avanço do Coronavírus, ferramenta do Estado acompanha em tempo real os principais números do COVID-19 no mundo e no Brasil. O jornal desenvolveu o Monitor da Covid-19 nos Estados do Brasil, com conteúdo aberto para não assinantes. O site é *linkado* com o Portal Brasil.io, no endereço eletrônico <https://brasil.io/dataset/covid19/caso/>, onde o sistema de busca permite pesquisar qualquer cidade do país e traz as informações de ‘Tipo de local’, ‘Confirmações’, ‘Mortes’, ‘Última atualização’, ´População estimada em 2019’, ‘Código IBGE’, ‘Confirmados 100k/Habitantes’, ‘Mortes confirmadas’.

No portal da BBC nas seções ‘Pandemia Global’ e ‘Covid19 no Brasil’, dados, informações, estatísticas, documentos, que mostram a expansão do Coronavírus pelo mundo desde que foi identificado na província de Hubei em dezembro de 2019. O painel do jornal tem como fonte para a construção do seu material jornalístico as informações da Universidade Johns Hopkins (Baltimore, EUA), além de trazer reportagens especiais sobre o avanço da doença no país e no mundo.

Diante da atitude do Governo Federal de restringir o acesso a dados sobre a pandemia de Covid-19, no dia 5 de junho, o **G1**, O Globo, Extra, Estadão, Folha de São Paulo e UOL decidiram formar uma parceria e trabalhar de forma colaborativa para buscar as informações necessárias nos 26 estados e no Distrito Federal.

O governo federal, por meio do Ministério da Saúde, deveria ser a fonte natural desses números, mas atitudes recentes de autoridades e do próprio presidente colocam em dúvida a disponibilidade dos dados e sua precisão. Mudanças feitas pelo Ministério da Saúde na publicação de seu balanço da pandemia reduziram a quantidade e a qualidade dos dados. Primeiro, o horário de divulgação, que era às 17h na gestão do ministro Luiz Henrique Mandetta (até 17 de abril), passou para as 19h e depois para as 22h. Isso dificulta ou inviabiliza a publicação dos dados em telejornais e veículos impressos. [“Acabou matéria no Jornal Nacional”, disse o presidente Jair Bolsonaro](https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml), em tom de deboche, ao comentar a mudança. (G1, 2020, s/p).

Naquele momento, entre os itens que deixaram de ser publicados pelo Governo Federal foram: curva de casos novos por data de notificação e por semana epidemiológica; casos acumulados por data de notificação e por semana epidemiológica; mortes por data de notificação e por semana epidemiológica; e óbitos acumulados por data de notificação e por semana epidemiológica.

O presente estudo busca analisar o Jornalismo de Dados em tempo de pandemia, tecnologia, convergência e interconexão, por meio da análise de três portais, Nexo, Estadão e BBC. Objetiva responder como a tecnologia revoluciona a prática jornalística em tempos de convergência midiática, multimeios e multiplataformas? Como o Jornalismo de Dados neste cenário de interconexão se tornou relevante para trazer informações precisas, investigativas e confiáveis durante o cenário de pandemia por Covid-19?

**De que Jornalismo estamos falando?**

A finalidade do jornalismo não é definida pela tecnologia, pelos jornalistas ou pelas técnicas utilizadas no dia-a-dia. Kovach e Rosentiel (2003) nos diz que os princípios e a finalidade do jornalismo são definidos por alguma coisa mais elementar – a função exercida pelas notícias na vida das pessoas. É neste sentido que não importa quanto o jornalismo tenha mudado, pois sua finalidade tem permanecido a mesma. Apesar de todas as mudanças na velocidade, técnicas e a natureza da difusão das notícias, sempre existiram uma teoria e uma filosofia claras do jornalismo”. (KOVACH, ROSENTIEL, 2003, p. 30).

Neste cenário de pandemia causado pelo COVID19, o Jornalismo de Dados mantém sua função de guardiã da sociedade, sendo tão fundamental para essa finalidade, que, como ressalta Kovach e Rosentiel (2003), as sociedades que querem suprimir a liberdade, primeiro tentam suprimir a imprensa, o que aconteceu, como dito anteriormente, no episódio envolvendo o presidente Jair Bolsonaro e sua declaração de que havia acabado matéria no Jornal Nacional.

As pessoas precisam de informação por causa de um instinto básico do ser humano, que chamamos de Instinto de Percepção. Elas precisam saber o que acontece do outro lado do país e do mundo, precisam estar a par de fatos que vão além de sua própria experiência. O conhecimento do desconhecido lhes dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas. Trocar figurinhas com essa informação se converte para a criação da comunidade, propiciando as ligações entre as pessoas. (KOVACH, ROSENTIEL, 2003, p. 36).

# No dia 23 de janeiro de 2020, quando a BBC trouxe a reportagem ‘Coronavírus: como é Wuhan, a cidade chinesa onde surgiu surto de coronavírus e que foi isolada’, em que a matéria informava que o vírus já havia se espalhado para outros oito países — Arábia Saudita, Cingapura, Coreia do Sul, Estados Unidos, Japão, Tailândia, Taiwan e Vietnã, e que naquele momento não havia registro de casos confirmados no Brasil, já observa as características do Jornalismo de Dados em tempos de interconexão, tecnologia e convergência, ou seja, os números de uma pequena província estava sendo analisados em todo o mundo, por meio da Globalização da Comunicação.

# Como pontua Kovach e Rosentiel (2003), o jornalismo ajuda o público a colocar ordem nas coisas. “Isso não significa simplesmente acrescentar interpretação ou análise a uma reportagem. A primeira tarefa dessa mistura de jornalista e explicador é checar se a informação é confiável e ordená-la de forma que o leitor possa entendê-la”. (KOVACH, ROSENTIEL, 2003, p. 36). Afirmação extremamente pertinente em meio ao desconhecido vírus, que em poucos meses se espalhou para o todo mundo.

Esse tipo de interação high-tech é de novo, um jornalismo que lembra a conversação, bem parecido com o jornalismo original que ocorria nos bares e cafés há quatrocentos anos. Sob esse ponto de vista, a função do jornalismo não mudou na era digital. As técnicas talvez sejam diferentes, mas os princípios básicos são os mesmos. O jornalista em primeiro lugar está envolvido na verificação. (KOVACH, ROSENTIEL, 2003, p. 42).

  Ao analisar as matérias publicadas nos portais Nexo, Estadão e BBC, observamos o que avalia Bertocchi (2016), um jornalismo impermanente acolhe em seu caráter, sem restrições, uma sucessão de adjetivações: evolutivo, renovador, ecossistêmico, encadeado, criativo e recriador. Todas essas características foram fundamentais para o que o público leitor pudesse entender o que era a doença, contágio, prevenção, medidas governamentais, os números em que cada região e suas características.

 A autora acredita que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação como um todo e seus desdobramentos específicos – sistemas publicadores, aplicativos, softwares de mensuração de resultados, mineração, big data, publicação em plataforma de terceiros, uso de plataformas sociais, entre outros – são hoje componentes essenciais para o jornalismo da mesma forma que o são os pilares da profissão.

O jornalismo guiado por dados (ou simplesmente jornalismo de dados, do inglês *data journalism*) diz respeito ao processo jornalístico que vai da captura de dados a sua curadoria até a visualização em um formato a ser acessado pelos usuários finais nas interfaces digitais.

Barbosa e Torres (2013) entendem que as bases de dados são agentes centrais no processo de convergência jornalística, conforme plataformas de gestão de conteúdos que dão suporte as redações integradas, segundo a lógica do jornalismo convergente, multiplataforma, que também requer habilidades múltiplas dos profissionais sobre os modos de narrar, o uso da hipertextualidade, da multmidialidade, da memória, da interatividade nas peças jornalísticas, sobre os formatos e as maneiras de apresentar os conteúdos. (BARBOSA, TORRES, 2013. p. 156).

As coberturas dos portais mostram, por meio das análises feitas pelo presente estudo, que em tempos de pandemia e incertezas, é fundamental que o jornalista saiba pesquisar em vastas coleções de dados, interpretá-los e reorganizá-los para produzir um conteúdo noticioso contextualizado e com base documental ampla. Os materiais presentes em sites disponibilizados por governos de países, Estados, cidades, dentre outros, mantidos por entidades e organizações independentes, empregam recursos diversos para apresentar tais informações em distintos formatos, constituindo-se como importantes ferramentas para o trabalho jornalístico. (BARBOSA, TORRES, 2013. p. 162).

**Jornalismo em contexto de cybercultura**

Jornalismo de Dados, interconexão, tecnologia, análise e interpretação de números, consumo de informações por meio de portais. Tudo isto está interligado aos estudos pioneiros de Levy (1999), que nos diz que *cybercultura* expressa o surgimento de um novo universo, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Para o autor, é necessário, colocá-la dentro da perspectiva das mutações anteriores da comunicação.

 Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. “Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada”. (LEVY, 2004, p. 4).

A relação do Jornalismo de Dados com a nova ágora digital, vai ao encontro do que Levy (2004) nos diz sobre o jogo da comunicação consistir em, através de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros. Ao dizer que o sentido de uma mensagem é uma "função" do contexto, não se define nada, já que o contexto, longe de ser um dado estável, é algo que está em jogo, um objeto perpetuamente reconstruído e negociado. “Palavras, frases, letras, sinais ou caretas interpretam, cada um à sua maneira, a rede das mensagens anteriores e tentam influir sobre ó significado das mensagens futuras”. (LEVY, 2004, p. 13)

 Mas e o internauta diante deste cenário de consumo de notícias por meio de portais especializados, que trabalham com informações numéricas, gráficos, estatísticas? Quem nos traz respostas é Santaella (2013), que expõe que ser cidadão nessa sociedade hipercomplexa, que potencializa a hipersensibilidade, significa tornar-se capaz de distinguir entre diferentes linguagens e mídias, suas naturezas comunicativas específicas, suas injunções político-sociais e, a partir disso, ter condições para desenvolver a capacidade de levantar perguntas acerca de tudo que lemos, vemos e escutamos.

Isto porque se trata de uma sociedade de cognição distribuída, parte integrante da inteligência coletiva, que, dadas a pluralidade e a diversidade de fontes de informação na ecologia das mídias em que ela se desenvolve, implica mais do que nunca conceber a inteligência como incluindo, em todo o complexo, o corpo, a mente e o contexto. (SANTAELLA, 2013, p.13).

Os espaços multidimensionais, que as redes fizeram emergir, têm um impacto significativo na aquisição personalizada e customizada do conhecimento. A absorção em si do conhecimento é individual e específica. Mas, para que isso se dê, há a dependência do contexto, da experiência e da história de cada um. Contextos não são puramente individuais. São sociais e institucionais, envolvendo signos, significados e hábitos de pensamento socialmente construído. Ninguém vive em uma bolha individualista, por mais que nossa era seja diagnosticada como recheada de narcisismos patológicos. (SANTAELLA, 2013, p.14).

A fertilização de ideias é aperfeiçoada pelo amplo acesso de redes globais. Com a internet aliada a mobilidade, aumenta a quantidade de informação e o conhecimento não apenas cresce, mas também se diversifica. Diversidade diz respeito tanto ao cruzamento de culturas quanto à forma pela qual o conhecimento é codificado e em que se torna acessível, a saber, as transmutações no universo da imagem e a linguagem hipermídia que só o comutador tornou possível. (SANTAELLA, 2013, p.14).

**Análise dos Portais**

 Ribeiro (2018) nos mostra que conforme mudam a configuração e os fluxos de informação no mundo, alteram-se as habilidade exigidas dos jornalistas. E diante de uma pandemia? Em que veículos de comunicação de todo o mundo se voltaram para levar ao conhecimento público os números de infectados, assintomáticos, em tratamento e vítimas fatais, qual o papel do Jornalismo de Dados?

Os portais analisados traçam cenários, a exemplo do Estadão, em que é possível comparar os números do Brasil, com a China, Coreia do Sul, Espanha, Estados Unidos, França, Irã, Itália, Japão e Reino Unido. E a fonte de informação para a construção do painel, é citada ao final da página.

Os dados desta reportagem são compilados diariamente a partir de relatórios do Centro Europeu para Controle e Prevenção de Doenças (ECDC) pela organização *[Our World in Data](https://ourworldindata.org/coronavirus-source-data%22%20%5Ct%20%22_blank)*, ligada à Universidade de Oxford, na Inglaterra. Até a manhã de 20 de março, a reportagem mostrava dados de uma fonte diferente, compilados pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O código fonte e a base de dados usados para gerar os gráficos estão disponíveis no [GitHub do Estadão](https://github.com/estadao/monitor-da-pandemia%22%20%5Ct%20%22_blank). (ESTADÃO, 2020, s/p).

 No Especial Coronavírus, os links ‘O que é?’, ‘Tire suas dúvidas’, ‘Cuidados’, ‘Artigos’, ‘Últimas Notícias’, ‘Ao vivo’ e ‘Mapa da Doença’. As ferramentas permitem que o leitor possa acompanhar o avanço da doença em tempo real, por meio de mapas, conforme ilustração abaixo; Coronavírus por continente, Covid 19 no Brasil, em gráfico onde as curvas mostram ‘Casos confirmados pelas secretarias estaduais’, Casos confirmados pelo Ministério da Saúde’, e mortos, em que os dados podem ser descarregados em planilhas de excel.



Fonte: Estadão, 2020.

 O Jornalismo de Dados está na seção, no topo do site, abaixo da logomarca do portal, ‘Vírus no Brasil – mais de 50 mil vítimas e sofrimento longe do fim’. Ao clicar uma página em que o ‘ponto’ foi escolhido para representar cada morte. A primeira morte no dia 17 de março; entre 18 e 24 de março, 45 mortes (e os pontos representados da página); de 25 a 31 de março, 155 mortes, e assim sucessivamente. Os números e as representações por meio de pontos são acompanhados de um histórico do fato relevante no momento, a exemplo,

17 a 20 de Junho – Segundo país do mundo com maior número de mortos pela COVID-19 e com mais de um milhão de casos, o Brasil ultrapassa a marca de 50 mil mortos. De acordo com o levantamento feito pelo veículos de comunicação Estadão, G1, O Globo, Extra, Folha e Uol, 50.058 pessoas morreram em decorrência da Covid-19. Apenas os Estados Unidos registram mais vítimas. (ESTADÃO, 2020, s/p).

 No período analisado reportagens especiais como ‘Mortes por Coronavírus no Brasil passam de 50 mil e superam tragédias, violências e doenças mais letais’, em que os números mostram que em três meses o vírus matou mais que enfarte, HIV, armas de fogo, acidentes de trânsito e catástrofes como o rompimento da barragem de Brumadinho e o incêndio da boate Kiss, somadas.

 Os dados trazidos pelo Nexo, traça o perfil da vítima, por meio da matéria ‘O impacto do racismo estrutural nas mortes por covid-19’, do dia 15 de abril, que apresenta números dos EUA e do Brasil e apontam que pessoas negras estão morrendo em proporção maior do que brancos.

 O portal criou um link específico para análises numéricas, denominado de Gráficos, nele alguns são: ‘As mortes por covid-19 nos distritos da cidade de São Paulo’, ‘[Os números da covid-19 entre os profissionais da enfermagem](https://www.nexojornal.com.br/grafico/2020/05/13/Os-n%C3%BAmeros-da-covid-19-entre-os-profissionais-da-enfermagem)’, ‘[A Síndrome Respiratória Aguda Grave durante a pandemia no Brasil](https://www.nexojornal.com.br/grafico/2020/05/08/A-S%C3%ADndrome-Respirat%C3%B3ria-Aguda-Grave-durante-a-pandemia-no-Brasil)’, ‘[Os novos casos de covid-19 nos países mais afetados pela pandemia](https://www.nexojornal.com.br/grafico/2020/05/04/Os-novos-casos-de-covid-19-nos-pa%C3%ADses-mais-afetados-pela-pandemia)’, ‘[A evolução dos casos de covid-19 nos municípios brasileiros](https://www.nexojornal.com.br/grafico/2020/04/30/A-evolu%C3%A7%C3%A3o-dos-casos-de-covid-19-nos-munic%C3%ADpios-brasileiros)’, dentre outros.



 Fonte: Nexo, 2020.

No dia 24 de junho, o Nexo trouxe infográficos relacionados ‘A distribuição do auxílio emergencial por condição e por Estado’, que mostram a quantidade de beneficiários do auxílio emergencial, acima de 18 anos, onde os números mostram que 24,5 milhões não estavam nos cadastros; 19,2 milhões são beneficiários do Bolsa Família; 10,2 milhões são cadastrados em outros programas. O mapa oportuniza ao leitor ter acesso ao percentual da população beneficiada por Estado; proporção de condição entre os beneficiários por Estado, proporção do valor do benefício por condição, R$ 600,00 e R$ 1200,00.

O gráfico ‘A distribuição geográfica das mortes por covid-19 no Brasil’, em que dados da plataforma Brasil.io permitem analisar quais regiões do país têm maior taxa de óbitos causados pelo novo Coronavírus também foi analisado. Das 558 microrregiões, dez somam 61% das mortes. A microrregião de Fortaleza possuía a taxa mais elevada do país com 96,4 óbitos a cada 100.000 habitantes, no dia 15 de junho de 2020. Os gráficos trazem o número de óbitos por microrregião; Percentual da população brasileira que vivem em microrregiões com óbitos confirmados.



O Nexo traz a linha do tempo, citando como primeiro caso confirmado no Brasil, o dia 26 de fevereiro, ao lado de uma citação do presidente Jair Bolsonaro, no dia 9 de março, em que ele falou que o Coronavírus estava sendo superdimensionado. No dia 11, a OMS decreta a epidemia; e no dia 17, o primeiro óbito. A linha marca a troca de ministros, ocorrida no dia 16 de abril, os 100 mil casos em 3 de maio. No dia 16/05 a nova troca dos ministros. No dia 31 de maio, a linha do tempo traz os 500 mil casos; no dia 12 de junho, o Brasil se torna o Brasil se torna o país com maior número de casos; em 19 de junho, 1.032. 913 casos confirmados.

No portal da BBC Brasil, a matéria publicada no dia 18 de junho, ‘Coronavírus: como o ‘excesso de mortes’ pode revelar o verdadeiro número de vítimas da pandemia de covid-19’, os jornalistas Becky Dale e Nassos Stylianou assinam como ‘Jornalistas de dados da BBC News’.

Ao menos 130 mil pessoas morreram ao redor do mundo durante a pandemia de coronavírus, além das 440 mil mortes contabilizadas oficialmente, de acordo com um levantamento feito pela BBC. Uma revisão dos dados preliminares de mortalidade em 27 países aponta que em muitos lugares o número de mortes em excesso durante a pandemia foi muito maior do que o normal, mesmo quando o coronavírus entra na conta. As chamadas "mortes em excesso", que são as mortes acima da média histórica, sugerem que impacto humano da pandemia vai além dos dados oficiais divulgados por governantes pelo mundo. Algumas dessas pessoas que morreram serão vítimas não computadas por covid-19, mas outros casos podem ser resultado da sobrecarga do sistema de saúde e de outros diversos fatores. Explore o guia interativo de mortes em excesso abaixo e veja como a pandemia afetou países como Brasil, Itália, África do Sul e Reino Unido. (BBC, 2020, s/p).

 A reportagem traz gráficos comparativos, a exemplo da Áustria no período de 16 de março à 10 de maio, em que os números oficiais são 618, enquanto o levantamento da BBC aponta 685. No Brasil, conforme ilustração abaixo, na análise realizada entre 1º de março a 31 de maio, o excedente seria de 3486 óbitos, no entanto, os dados analisados foram apenas de São Paulo, Rio de Janeiro, Manaus, Recife, São Luiz e Fortaleza.



Fonte: BBC, 2020

 A reportagem ‘Coronavírus: por que ocupação de UTIs não é melhor termômetro de gravidade da pandemia’, analisa dados da capital do Amazonas’, com a informação de que a maior UTI do SUS, com 40 leitos, deu alta aos últimos casos de covid-19, e o hospital de campanha iria fechar, pois há três semanas que os pacientes com covid-19 e insuficiência respiratória se tornaram raros nas unidades de tratamento intensivo (UTI) dos três hospitais públicos. “BBC News Brasil conversou na última semana com médicos de algumas das cidades brasileiras mais atingidas pela pandemia e ouviu histórias parecidas de como eles notaram algum alívio nas UTIs dos seus hospitais” (BBC, 2020, s/p).

 Os números levantados em várias partes do país pela reportagem, confirma a hipótese de que a ocupação dos leitos não reflete o aumento da doença, traz análises de especialistas, secretarias de saúde e da Organização Mundial de Saúde.

A OMS recomenda ainda, uma redução de 50% ao longo de três semanas na incidência de casos confirmados e prováveis; uma taxa de menos de 5% de testes positivos para covid-19 por duas semanas, quando há uma ampla testagem; que pelo menos 80% dos novos casos sejam ligados a infecções já existentes e focos identificados da doença; uma queda de mortes entre casos confirmados e prováveis por três semanas. E, por fim, um declínio do número de hospitalizações ou internações em UTI de casos confirmados ou prováveis — mas isso deve ocorrer por ao menos duas semanas. Esse período corresponde ao tempo máximo de incubação do novo coronavírus, ou seja, quantos dias uma pessoa pode levar para ter sintomas depois de ser infectada. É o tempo mínimo para avaliar alterações nas tendências dos indicadores da pandemia, diz a OMS, e identificar que foram mudanças consistentes e não apenas oscilações temporárias. (BBC, 2020, s/p).

**Considerações finais**

As matérias analisadas vai ao encontro do que Ribeiro (2018) diz ser esta prática jornalística que se apropria da tecnologia em todas as suas fases de produção e faz do caminho dos dados sua narrativa; centra-se em analisar dados e produzir visualizações, coletar informações. E enfatiza a diferença entre a reportagem de dados e com dados. Neste caso, a primeira os dados são a própria razão da reportagem.

Observamos por meio das reportagens, conforme Ribeiro (2018), que o jornalismo de dados é fruto de uma série de evoluções e de mudanças nas rotinas produtivas do jornalismo, que ocorreram, sobretudo, a partir de meados do século XX, mediante o emprego de metodologias emprestadas do meio científico para a análise de comportamentos sociais no trabalho de acordo com a complexidade da sociedade.

A pesquisa sobre a consolidação e expansão do Jornalismo de Dados neste cenário de pandemia provocado pelo COVID-19, por meio do estudo do trabalho jornalísticos desenvolvido por portais especializados, prima pela necessária discussão do jornalismo especializados, ético, crítico, analítico e preciso em tempos também de *Fake News* e manipulação de dados.

O estudo se faz importante para delimitar este campo de estudo como necessário dentro da sociedade do conhecimento; investir em mecanismos de apuração de notícias, pesquisas científicas; aproximar as redações das universidades, que desenvolvem diferentes pesquisas quantitativas e qualitativas; para que a análise desses números se tornem importantes narrativas.

Os resultados nos levam também ao necessário resgate do papel do jornalismo enquanto utilidade pública; educação, formação, muito além da transmissão de notícias factuais; neste momento de pandemia por Covid19 e ao mesmo tempo de perseguição a prática profissional, as agressões aos profissionais da imprensa, e possível indução a uma crise de credibilidade da imprensa.

**Referências Bibliográficas**

BARBOSA, S.A; TORRES, V. **O paradigma Jornalismo Digital em Base de Dados: modos de narrar, formatos e visualizações para conteúdos**. Galaxia (São Paulo, Online), nº25, p.152-164, jun,2013.

BBC. **Coronavírus: o mapa que mostra o alcance mundial da doença**. Disponível em<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51718755>. Acesso em 29/05/2020

\_\_\_\_\_. **Coronavírus: como o ‘excesso de mortes’ pode revelar o verdadeiro número de vítimas da pandemia de covid-19**. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53092095>. Acesso em 20/06/2020.

\_\_\_\_\_\_\_. **Coronavírus: por que ocupação de UTIs não é melhor termômetro de gravidade da pandemia.** Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53145267>. Acesso em 24/04/2020.

ESTADÃO. **Monitor do novo coronavírus**. Disponível em <https://arte.estadao.com.br/ciencia/novo-coronavirus/monitor-pandemia/>. Acesso em 29/05/2020.

\_\_\_\_\_\_. **Vírus no Brasil – mais de 50 mil vítimas e sofrimento longe do fim**. Disponível em [https://www.estadao.com.br/infograficos/brasil,50-mil-vidas-perdidas-e-sofrimento-longe-do-fim,1101458](https://www.estadao.com.br/infograficos/brasil%2C50-mil-vidas-perdidas-e-sofrimento-longe-do-fim%2C1101458). Acesso em 26/06/2020.

\_\_\_\_\_\_. **Mortes por Coronavírus no Brasil passam de 50 mil e superam tragédias, violências e doenças mais letais**. Disponível em [https://www.estadao.com.br/infograficos/brasil,mortes-por-covid-19-superam-violencia-catastrofes-e-doencas-campeas-em-letalidade,1101865](https://www.estadao.com.br/infograficos/brasil%2Cmortes-por-covid-19-superam-violencia-catastrofes-e-doencas-campeas-em-letalidade%2C1101865). Acesso em 26/06/2020.

# G1. Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em 20 jun 2020.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Para que serve o Jornalismo. **Os elementos do jornalismo.** São Paulo: Geração Editorial, 2003. pp. 27-57.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência** – O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo. Editora 34. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2004

NEXO. **Gráfico**. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/grafico/>. Acesso em 29/05/2020.

\_\_\_\_\_. **O impacto do racismo estrutural nas mortes por covid-19**. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/15/O-impacto-do-racismo-estrutural-nas-mortes-por-covid-19>. Acesso em 20/05/2020.

\_\_\_\_\_. **A distribuição do auxílio emergencial por condição e por Estado**. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2020/06/24/A-distribui%C3%A7%C3%A3o-do-aux%C3%ADlio-emergencial-por-condi%C3%A7%C3%A3o-e-por-estado>. Acesso em 25/06/2020.

SANTAELLA, Lúcia. Hipermobilidade e ubiquidade desdobrada. In: **Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013. pp. 15-16.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Lúcia. Cognição, cultura e educação. In: **Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013. pp. 18-22.